

A SUPRESSÃO DAS LIBERDADES

THE SUPPRESSION OF FREEDOMS

DÓRIS HELENA SOARES DA SILVA GIACOMOLLI ¹

¹Aluna do Programa de Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Federal de Pelotas – Brasil, sob orientação do professor José Carlos Volcato. (e-mail: dorishssg@gmail.com)

Resumo

Este trabalho analisa personagens, situações, sentimentos e alguns conceitos como intertextualidade e racismo, que são apresentados em *As vésperas esquecidas* de Maria Isabel Barreno. Ao descrever uma breve biografia e o encontro de três personagens que aparentemente não têm nada que os ligue, acaba entrelaçando os seus destinos com o final da ditadura e do regime salazarista em Portugal, que culmina na Revolução de 25 de abril. A Revolução dos Cravos acaba sendo o grande personagem da história, já que os aproxima; sem ela as suas vidas não se entrecruzariam. Trata-se de um acontecimento que, ao perpassar a vida de todos eles, acaba por ser o coroamento de algo que neles se achava latente, ainda que fosse um sentimento vago e não totalmente reconhecido.

Palavras-chave: revolução, intertextualidade, medo, racismo.

Abstract

This paper analyses characters, situations, feelings and some concepts such as intertextuality and racism, that are presented in *As vésperas esquecidas* (*The forgotten eve*) by Maria Isabel Barreno. When describing a brief biography and the meeting of three characters who seemingly have nothing to connect them, she ends up entwining their destinies with the end of the dictatorship and of the Salazar regime in Portugal, which culminates in the Revolution of April 25. The Carnation Revolution ends up as the main character in the story, since it draws the three characters closer to each other; without it their lives wouldn't have been interconnected. It's an event that, by pervading the lives of all of them, turns out to be the crowning

of something latent in them, although it might be a vague and not fully recognized feeling.

Keywords: revolution, intertextuality, fear, racism.

1. Introdução

Este trabalho pretende analisar o livro *As vésperas esquecidas* de Maria Isabel Barreno (1999) e descrever a história de três personagens que aparentemente não têm nada que os ligue, mas que acabam tendo os seus destinos entrelaçados por um acontecimento que perpassa a vida de todos eles. Este acontecimento, sem definidas *raízes no tempo* (Barreno, 1999), sem ter como decidir-lhes o limiar definitivo (Barreno, 1999), começa alhures, de um modo aleatório, nalgum dia não-determinado; leva-os a um ponto de encontro em comum, no Chiado, no dia da Revolução de 25 de abril. Na narrativa só três personagens têm nomes: Bárbara, Tino e Silvestre. Bárbara é uma dona de casa, Silvestre é um soldado e Constantino é um menino de rua. O que os aproxima é a repressão do poder público, que acaba intervindo nas suas vidas privadas. Ainda que a narrativa esteja focada na repressão política e na ditadura, ela não está especificamente centrada na Revolução dos Capitães, mas sim nas vésperas, nos momentos anteriores ao dia 25. Uma revolução pressupõe uma atitude renovadora; porém, vemos na narrativa que nenhum dos três personagens são engajados, ainda que padeçam com a repressão da liberdade nos detalhes, afazeres e aspirações do seu dia-a-dia; não se colocam, não têm uma atitude renovadora – vão simplesmente andando conforme as exigências. Os personagens sofrem a privação do livre-arbítrio nos seus quotidianos. Bárbara é uma mulher frustrada, com *nostalgias incertas* (Barreno, 1999); é uma intelectual de província, que tem uma escolaridade mediana, o marido tolhido de pequenas incursões ao café, com medo de ser denunciado, de falar algo indevido, de errar nas contas. Tino gostaria de ser escritor e Silvestre, um sonhador e adorador da cultura americana, tem uma atração pelo continente africano e acalenta uma esperança utópica de lá ser recebido como um igual, ainda que acabe indo como integrante do outro lado da guerra e com uniforme do inimigo. Os outros personagens, sem nomes, gravitam em torno dos três principais e são definidos pelas suas funções em relação a eles: o marido, o filho, o pai de Bárbara, patrões, padrinhos, madrinha, a loira platinada de Silvestre, a avó, a vizinha, o pai de Tino. Por contraste, todos os lugares têm nomes, como se os lugares da cidade fossem conhecidos (e amigos) dos leitores: Chiado, Largo do Carmo, Terreiro do Paço, Rua do Arsenal, Rotunda, Parque Eduardo VII. O foco narrativo da obra está na terceira pessoa, marcado pelo narrador onisciente, que mergulha no interior dos personagens, a fim de trazer à tona pensamentos e sentimentos. Os personagens e as

suas vidas eram obsedados pela ditadura que os acompanhava até às vésperas dos factos.

O pai de Tino tinha desaparecido por estar em atividade política. A ditadura é uma atividade política que tem o poder de fazer desaparecer pessoas:

O pai tinha sido preso porque se metia na política, assim lhe dissera a avó e desaparecera para sempre. (Barreno, 1999: 41).

Mesmo que não fossem importunados diretamente pela ditadura, esta comandava as suas vidas, fosse pelo medo que os cercava, fosse pelo anseio de mudanças. O medo era como algo que os rodeava, meio sem forma, meio indistinto:

(...) não havia liberdade nenhuma no país em que vivia, sentia o medo à sua volta - nos dias que estava mais enervada chegava a vê-lo como uma sombra que rodeava as pessoas. (Barreno, 1999: 15).

Não se sabia exatamente de onde vinha a ameaça, mas o medo estava por ali, mantendo-os num estado de alerta, rondando-os e, às vezes, instalando-se dentro deles:

(...) quem não tem a consciência tranqüila é assim, eles lá sabem o que os remoi, cá para mim é o medo, o medo, e à conta do medo nunca se sabe do que são capazes. (Barreno, 1999: 20).

O medo surge sem forma, sem demarcações, sem delimitações:

(...) logo via a sombra do medo à volta dele, não há palavras para enxotar esse medo. (Barreno, 1999: 20).

Durante o período de ditadura, até ao dia 24, esta era a realidade a que estavam acostumados, impregnados:

(...) ele encolhia os ombros mas aceitava, no meio do escuro, da solidão e do medo qualquer voz é amiga. (Barreno, 1999: 21).

O medo camuflava-se, escondia-se, até na sede de Silvestre:

Silvestre sentia a boca seca. Passara a ter muito mais sede desde que entrara na tropa. (Barreno, 1999: 25).

A sede que o acompanhara só lhe passou quando tomou o copo de leite que Bárbara lhe oferecera no dia da Revolução dos Cravos porque, com o leite, a sede foi aplacada, assim como o medo:

Falou da sede que sentia desde que entrara na tropa, (...) e que aquele leite lhe lavara a secura da boca, porque era o leite da paz. (Barreno, 1999: 50).

Qualquer um poderia ser o delator, aquele que ouviria o que se falava para denunciar à PIDE. No momento do golpe de 25 de abril de 1974, o único setor do aparato do estado em que o regime podia confiar era a polícia secreta, vinculada ao regime pelo medo, devido aos seus sangrentos crimes contra o povo:

Fingem ler o jornal, ouvem tudo, denunciam. Nem que sejam coisas ditas na brincadeira, anedotas. Conheço vários que se desgraçaram (...) Esses espíões de merda têm que apresentar serviço para justificar o que ganham; devem ser pagos à comissão, um tanto por denúncia. (Barreno, 1999: 15-16).

Podia ser alguém próximo, podia ser o chefe; nesses tempos de ditadura, períodos de não-normalidade, havia a necessidade de prestar atenção exagerada a tudo que ocorria ao redor. Qualquer um poderia ter o gesto infame da delação:

(...) quem sabe se não iriam denunciar, se já não denunciaram já um empregado à PIDE. (Barreno, 1999: 20).

Deus não seria de muita ajuda nesses casos, já que, apesar de ter poder, poderia não querer meter-se nos problemas dos homens e não opinar em regimes de exceção, criados por eles. Poderia não ser capaz de compreender que uma ditadura é monstruosa e que não é compartilhada por todos os homens; que só alguns a criam e que muitos apenas a aceitam:

(...) era Ele quem mandava em tudo, criara tudo, mas achava-O muito distante, muito incompreensível, muito parecido com os homens. (Barreno, 1999: 17).

Robert W. Connel & Messerschmidt, em *Masculinidade hegemónica: repensando o conceito*, abordou a masculinidade. Essa masculinidade hegemónica está

sempre latente na narrativa *As vésperas esquecidas* e, muitas vezes, chega mesmo a estar associada à ditadura.

A mulher deve ser menos inteligente e esclarecida que o homem, para que o casamento seja bem-sucedido. Segundo Connel esta ideia tem a cumplicidade das mulheres:

(...) esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal. (Connel & Messerschmidt, 2013: 253).

Este sentimento da superioridade masculina como essencial em determinadas sociedades fica bem especificado e é bem demarcado em *As vésperas esquecidas*:

Considere-se como uma definição idealizada de masculinidade é constituída em um processo social. Num nível societal mais amplo (ao qual chamaremos de “regional” na continuidade), há uma circulação de modelos de conduta masculina admirável, que são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado. Tais modelos se referem (mas também em vários sentidos as distorcem) às realidades cotidianas da prática social. (Connel & Messerschmidt, 2013: 252).

Os papéis ficam devidamente divididos. A rotina e os trabalhos da casa ficam destinados às mulheres:

Bárbara cozinhava, limpava, lavava e passava a ferro. (Barreno, 1999: 9).

Ao casar, ela abdicou de qualquer outro tipo de realização pessoal, como se este fosse o objetivo final do casamento:

Bárbara casou, recolheu ao lar para ser rainha. E passou a cozinhar, limpar, lavar, passar a ferro quotidianamente, a manter em ordem seu universo. (Barreno, 1999: 11).

Não houve questionamento, estava implícito. Nada havia para a mulher a não ser o universo da casa:

As possibilidades são massivamente limitadas pelos processos de incorporação, pelas histórias institucionais, pelas forças econômicas e pelas relações familiares e pessoais. (Connel & Messerschmidt, 2013: 259).

O casamento era incompatível com outros desejos ou fins. Nem mesmo a atividade intelectual seria tolerada:

Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a *complacência dentre as mulheres heterossexuais*, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. (Connel & Messerschmidt, 2013: 245).

A complacência das mulheres heterossexuais era legítima, tanto que a personagem Bárbara era machista. Este machismo revelava-se em diferentes aspetos da sua vida: na opção de não trabalhar fora após o casamento, o que era *necessário à sociedade* (Barreno, 1999, p.13) ao pretender ser a rainha do lar, ao baixar o nível das suas leituras para deixá-las mais *leves*. Ela deixa de ler Camões, passando dos clássicos aos romances cor-de-rosa:

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse (Connel & Messerschmidt, 2013: 245).

Ao rezar, ela não reza a Deus por não se sentir semelhante ao ser masculino, mas à Virgem, por senti-la mais próxima, ainda que esta tenha escapado ao sexo para engravidar, o que Bárbara considerava um processo biológico que escravizava as mulheres. Os homens possuíam o apoio do poder instituído, da igreja, da sociedade:

Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legítima

ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão. Esses conceitos eram abstratos em vez de descritivos, definidos em termos da lógica do sistema patriarcal de gênero. (Connel & Messerschmidt, 2013: 245).

Esperava-se que o homem fosse superior às mulheres em todos os sentidos:

As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (Connel & Messerschmidt, 2013: 250).

Pela aceitação social se fortalecia a hierarquia e o domínio e fortalecimento da masculinidade hegemónica:

(...) não é por acaso que se acha que o esposo deve em tudo ser superior à respectiva consorte, incluindo na idade e na altura, se não como poderá ele fazer-se respeitável como chefe de família? Convicto desses princípios, procurava manter em casa o que considerava um necessário equilíbrio de supremacia masculina. (Barreno, 1999: 14).

Ser superior intelectualmente exigiu empenho e energia por parte do marido, que só empreendeu este esforço por acreditá-lo necessário:

Relações de gênero também são constituídas através de práticas não discursivas, incluindo trabalho assalariado, violência, sexualidade, trabalho doméstico e cuidado com as crianças, assim como através de ações rotineiras não refletidas. (Connel & Messerschmidt, 2013: 258).

Era isso que se esperava dele enquanto homem e marido:

O marido de Bárbara, que levava dez penosos anos a ultrapassar as habilitações literárias da esposa, vivera essa indevida inferioridade literária disfarçado-a penosamente. (Barreno, 1999, p. 11).

Este esforço não foi empreendido só pelo marido. Bárbara compactuava com essas expectativas, com essas visões normativas da sociedade portuguesa da época da ditadura, ainda que inconscientemente:

Bárbara continuara a ler, não tanto; e, sem reparar, baixara o nível qualitativo. (Barreno, 1999: 12).

A narrativa foi escrita em 1999 e o tempo narrativo é a época da revolução de 25 de abril, a Revolução dos Cravos em Portugal. A autora consegue escrever sobre uma data específica, sem se referir a ela diretamente, a não ser muito de leve, de forma que essa referência passa quase despercebida:

Mas eles quem, que disparate é esse, é bem certo que as mulheres são ilógicas, o que é que nos deu o miúdo, interrogou o marido irritado; quem fez a revolução foram os soldados, os capitães, não foi o miúdo nem os ladrões daquela laia. (Barreno, 1999: 52).

O povo vai às ruas comemorar, ainda que não tenha feito a revolução, que foi levada a cabo pelos capitães. O marido de Bárbara é usado para colocar em perspetiva a visão dos últimos anos que antecedem a Revolução. Há setores de conivência velada, apesar do medo e da situação silenciosa do Salazarismo. Isso está bem explícito na pergunta do marido, que reflete o seu modo conservador de encarar a situação política, o apoio e sustentação ao regime.

É isso a revolução?! continuou a explodir. Vai ser a desordem e a pilhagem! (Barreno, 1999: 51).

2. Intertextualidade

Trabalhar com literatura comparada é apreender a relação entre pelo menos dois textos, estabelecer a intertextualidade entre eles. No *site* <http://aulete.uol.com.br/intertexto>, “intertexto” significa texto literário que é anterior a outro, em cuja elaboração influencia direta ou indiretamente. No dicionário eletrônico *Houaiss* “inter” significa no interior de dois + “texto”, que significa [Textus] fazer tecido, entrelaçar. Enfim, através deste entrelaçamento pode ser entendido como a obra literária se interliga com outras obras, formando elos de uma infundável corrente que é notável em todos os períodos da literatura. Intertextualidade pode ser uma espécie de

conversa entre textos. Tiphaine Samoyault comenta que o termo “intertextualidade” possui vários sinónimos: “tessitura, biblioteca, entrelaçamento, incorporação ou simplesmente diálogo” (Samoyault, 2008: 9). Apesar dessa pluralidade de nomenclaturas, esses termos referem-se ao fenómeno comum a todos os textos: a presença de outros textos dentro deles.

A intertextualidade é como uma árvore genealógica de vários galhos, diz Samoyault e, às vezes, é impossível determinar a origem dessa relação intertextual. Mikhail Bakhtin (2002) foi um dos pioneiros no estudo da intertextualidade, embora não tenha utilizado o termo para definir a relação dos textos com outras estruturas. Para Bakhtin, o discurso romanesco é um diálogo entre outros textos,

uma intersecção de superfícies ao invés de um ponto (um significado fixo), um diálogo entre muitos escritos: aquele do escritor, o do destinatário (ou do personagem), e o contexto cultural contemporâneo ou anterior. (In Kristeva, 1984: 65).

O texto é considerado parte da sociedade e o autor é o indivíduo que participa ativamente da história ao ler e reescrever textos anteriores. Segundo Bakhtin, o autor não é aquele que somente manipula o texto, mas sim alguém que avalia outros pontos de vista e os incorpora no seu próprio, criando uma relação dialógica. O diálogo entre textos é, então, como a consciência humana, formada por elementos exteriores, pontos de vistas de outrem. A partir do conceito de dialogismo proposto por Bakhtin, Julia Kristeva expande o estudo da intertextualidade e afirma que

todo texto é construído como um mosaico de citações; todo texto é a absorção e transformação de um outro. A noção de intertextualidade substitui aquela de intersubjetividade, e a linguagem poética é lida pelo menos como dupla. (Kristeva, 1984: 66).

Partindo da teoria de Bakhtin, Kristeva afirma que a intertextualidade não se resume somente ao diálogo entre textos, mas também à inserção da história no texto e do texto na história, isto é, à sua ambivalência. Ler um texto não é apenas ler palavras, é também ler a sociedade na qual este está inserido. Assim sendo, a linguagem literária carrega uma duplicidade de sentido e dialoga com outros textos e com o contexto histórico:

Todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro, o outro podendo corresponder ao conjunto da literatura existente: os textos

literários abrem sem cessar o diálogo da literatura com sua própria historicidade, e a noção tem todo o interesse em tornar a crítica sensível à consideração da complexa relação que a literatura estabelece entre si e o outro, entre o gênio individual singular e o aporte intertextual e não puramente psicológico do outro. (Samoyault, 2008: 21-22).

3. A formiguinha e a neve

De quase todas as narrativas se podem tirar conclusões, enfim, uma moral. Também se pode contá-las de acordo com os mais distintos propósitos, mudando as suas versões de acordo com os mais diferentes interesses. Há pelo menos duas versões desta história infantil. Resumidamente, trata-se da história de uma formiguinha que ficou com o pé preso na neve e, por mais esforços que fizesse, não conseguia libertar-se. Ela pediu à neve que a libertasse e recebeu a resposta de que somente o sol poderia ajudar, já que era mais forte e que poderia derreter a neve. Assim, sucessivamente, a solução estaria sempre noutra, no próximo que se encontrava mais além e não em cada um a quem a formiguinha pedia ajuda. Ao pedir ajuda à parede, por exemplo, esta disse que a formiga deveria pedir ajuda ao rato que a furava e assim por diante. Numa das versões, o homem disse à formiga que ela deveria contar com Deus que todos governa. Essa versão será útil a quem quiser fortalecer a ideia de que Deus é o mais forte e que tudo pode. Assim, Deus libertou o pé da formiga. Noutra versão, ao pedir ajuda ao boi, ele responde que ela peça ajuda ao carneiro. Este, por sua vez, diz que ela vá pedir ajuda à morte que o leva. A formiga pede ajuda à morte, que certamente a ajudará, levando-a. Esta versão conduz à ideia de que o esforço da formiga foi inútil, que não adiantou nada pedir ajuda a muitos e que teria sido melhor se se conformasse logo que se viu presa, porque iria morrer de qualquer forma. Esta é a opinião compartilhada por alguns personagens de *As vésperas esquecidas*, que representam uma grande parte do povo português, principalmente os maridos.

4. Ditadura – Salazarismo – África – Colonialismo

A Primeira República terminou com um golpe militar em Maio de 1926, mas o governo recém-instalado não conseguiu consertar a precária situação financeira da Nação. Em vez disso, o Presidente Carmona convidou Salazar (a autoridade em inflação mais ilustre de Portugal) para dirigir o Ministério das Finanças. Durante quarenta anos, primeiro como Ministro das Finanças (1928-1932) e depois como Primeiro-Ministro (1932-1968), as doutrinas políticas e económicas de Salazar moldaram o progresso do País. Ao restabelecer o equilíbrio, tanto no orçamento fiscal, como na balança de

pagamentos internacionais, Salazar conseguiu restaurar a dignidade de Portugal em casa e no exterior. As contas fiscais em Portugal, desde a década de 30 até início de 1960, quase sempre tiveram um *superavit* em conta corrente.

No limiar da Grande Depressão, Salazar estabeleceu as bases para o seu Estado Novo: nem capitalista, nem comunista – a economia de Portugal era quase tradicional.

No antigo regime, o setor privado em Portugal era dominado por quarenta famílias proeminentes. Essas dinastias industriais uniam-se por meio de casamentos entre os grandes proprietários de terras tradicionais, como famílias da nobreza, que detinham a maioria das terras aráveis no sul do país, em grandes propriedades. Muitas dessas dinastias tinham interesses comerciais na África Portuguesa. Dentro deste grupo de elite, as dez principais famílias detinham todos os grandes bancos comerciais que, por sua vez, controlavam uma parcela desproporcional da economia. Os funcionários dos bancos eram, muitas vezes, membros dos conselhos de administração das empresas que usavam os bancos para empréstimos. A influência dos grandes bancos estendia-se entre uma série de empresas comerciais, industriais e de serviços. A mudança de direção em Portugal para uma estratégia comercial e financeira moderadamente voltada para o exterior, iniciada no final da década de 50, ganhou impulso durante a década de 60. Até então, o país manteve-se muito pobre e em grande parte subdesenvolvido, devido à sua posição de desvantagem inicial. No entanto, no final dos anos 50, um número crescente de empresários, bem como os tecnocratas do governo, favoreceram uma maior interação portuguesa com os países industrializados do norte, que funcionou como o estímulo tão necessário para o desenvolvimento da economia de Portugal. A influência dos tecnocratas orientada para a Europa nascia dentro do gabinete de Salazar, que conseguiu disciplinar a economia portuguesa, evoluindo para um regime corporativo e de partido único em 1933 – o *Estado Novo*. O país passou depois por uma mudança de regime em 1974, com a Revolução dos Cravos, um golpe militar esquerdista, a culminar com o fim de um dos seus períodos mais notáveis de crescimento económico, que teve lugar durante a década de 60.

O Estado Novo em Portugal, a época Salazarista, durou de 1926 a 1974. Portugal foi um dos últimos países da Europa a libertar as suas colónias. A ONU precisou pressionar a Europa para que terminasse com o colonialismo. Salazar não pretendia liberar as suas colónias, dado que estas lhe proporcionavam riquezas, apesar da pressão sobre Portugal ser enorme, principalmente após a França e a Inglaterra terem libertado as suas. Salazar esforçou-se por reafirmar a soberania portuguesa além-mar, através da reconstrução do império colonial em África e da criação de uma mentalidade imperial entre os portugueses. Posteriormente, no início da década de 50, em resposta às pressões internacionais, as colónias foram transformadas em províncias ultramarinas, tornando-se oficialmente parte de uma única nação portuguesa. Contudo, a

independência dos territórios que estavam sob administração portuguesa tornou-se inevitável com a queda do regime ditatorial, que aconteceu a partir da Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. As décadas de 70 e 80 foram caracterizadas pela concretização das últimas independências de países africanos. Em 25 de abril de 1974 ocorreu, em Portugal, a Revolução dos Cravos. Em Alvor (Algarve, Portugal), os militares portugueses e os guerrilheiros angolanos assinaram um Tratado de Paz e marcaram a data de 11 de novembro de 1975 para os Capitães de Abril outorgarem a independência de Angola. Defender as colónias africanas causava só uma dissipação de vidas humanas e de recursos económicos, sem resultados, esforço que Portugal não se podia permitir, pois tinha uma inflação altíssima e salários baixos que empobreciam as classes populares. O salazarismo não beneficiou em nada o desenvolvimento industrial, porque este favorecia a classe operária e a luta social. O movimento de 25 de abril de 1974 pôs fim ao regime fascista de Salazar-Caetano que, durante 46 anos, oprimiu o proletariado português e os povos das colónias de Portugal em África. Em 25 de setembro de 1968 Salazar foi substituído por Marcelo Caetano. A agitação política em Portugal refletia a luta dos combatentes pela independência das colónias portuguesas em África (Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde), o que causava um cansaço psicológico, uma exaustão da sociedade com uma guerra que o povo considerava inútil. Silvestre, o segundo personagem a quem é dado um nome em *As vésperas esquecidas* sintetiza a brutalidade da guerra:

os que voltavam, mortos e estropiados, os que lá estavam, exaustos e acossados os que iam, maçaricos desprevenidos, prontos a cair em emboscadas. (Barreno, 1999: 25).

A interminável guerra colonial em África minou o exército de Portugal:

Desprevenido: assim se sentira em todos estes meses de tropa. Sim, tinha sabido da guerra, ouvira falar. Mas há anos que aquilo durava e não acontecia nada. (Barreno, 1999: 25).

Quinze anos de luta contra o movimento da implacável guerrilha camponesa em Moçambique, Angola e Guiné retiraram do regime suas últimas reservas de apoio. O sistema totalitário desmoronou apesar de ter o controle da igreja e escolas, da rádio, televisão e imprensa.

Líderes militares pretendiam obter o apoio das massas, mostrando-se como os responsáveis pelo fim do odiado regime de opressão, evitando, dessa forma, que o proletariado tomasse em suas próprias mãos as iniciativas políticas que conduzissem à

transformação revolucionária da sociedade. Nesse contexto, a prisão de Caetano e de seus principais ministros, que em seguida foram enviados para o Funchal, na Ilha da Madeira, teve como único objetivo afastá-los dos centros de agitação política, onde seriam alvos fáceis do ódio popular. A resposta dos descontentes foi o golpe militar do 25 de abril de 1974, que derrubou o regime com Caetano no poder. A derrubada de Caetano precipitou o movimento imediato das massas e a intervenção na cena da história do jovem proletariado português. Que a situação era esta se pôde ver poucos dias depois do colapso do regime de Caetano, quando mais de 1,5 milhões de pessoas participaram na demonstração do Primeiro de Maio.

Como foi dito, o regime foi derrubado por um golpe, e não por uma revolta popular, mas obteve o apoio popular imediato e maciço em torno de uma aliança momentânea entre uma pequena burguesia fardada e expressões do capital. Como escreveu Emídio Santana¹,

Para trás ficavam umas dezenas de anos de sujeição das pessoas a um padrão cultural e político, a uma absoluta dependência do poder constituído e controlado por um sistema policial dominante. Formaram-se gerações no estilo desse padrão e o Estado assumiu a principal gestão das relações econômicas e condicionantes da vida, como também a missão que outrora fora das misericórdias. (...) O proletariado, na significação do termo, foi ultrapassado pelo súbdito do aparelho económico estatal. Gradualmente o trabalhador foi-se adaptando; passou a confiar na burocracia do Estado, depois na burocracia sindical, desistiu das suas iniciativas e trocou a sua autonomia confiando nos mecanismos contratuais que lhe asseguravam o mínimo vital e o máximo do que deve pagar de impostos e, sugestionado a consumir, mesmo desperdiçar, tudo o que a produção capitalista engendra no objetivo exclusivo do lucro. É no domínio da política, no mais baixo significado do termo, que o homem moderno deposita as suas esperanças, porque é nesse domínio que se decide o seu destino, a taxa de inflação que arbitra os seus salários, a garantia de emprego, como há de carregar com a carga de aquisição da

¹ Emídio Santana (Lisboa, 4 de julho de 1906 — Lisboa, 16 de outubro de 1988), um dos mais importantes militantes portugueses, diretor do jornal *A Batalha*. Foi autor de diversos artigos e ensaios. Em 1985, Emídio Santana escreveu *Memórias de um militante anarco-sindicalista*. livro onde recorda momentos importantes da sua vida de militância política. Cf. Emídio Santana (1985). *Memórias de um militante anarco-sindicalista : tempos de luta de adversidade e de esperança*. Lisboa: Perspectivas e Realidades.

casa própria; se tem transportes e a que preço para ir dormir a casa e regressar ao trabalho. (Santana, 1983: 27)

Nem antes nem após o 25 de abril houve em Portugal uma revolução social. As massas populares inegavelmente perceberam a possibilidade de mudanças profundas e, em muitas circunstâncias, de um espírito libertário, suscitando medo na burguesia. Havia greves massivas do proletariado, apesar de sua ilegalidade, particularmente em Lisboa, descontentamento dos camponeses e da pequena burguesia, agitações entre os estudantes e a tentativa da classe dominante para se salvar através de "reformas" insignificantes que agravavam ainda mais a situação. Em *As vésperas esquecidas*, a crítica a essa classe dominante percebe-se nos comentários do narrador que vê e ouve o que nem a madrinha, no afã de ajudar o afilhado Silvestre, consegue perceber:

A maior parte dos seus bons conhecimentos e relações, na boa sociedade lisboeta, virava-lhe a cara, fazia-se desentendida, murmurava nas suas costas. Lá vem ela, diziam, coitada, sempre com aquela mania do afilhado, o preto, para o que lhe havia de dar, parece que com a idade tem piorado. (Barreno, 1999: 33)

De fato, o descontentamento explosivo e a ansiedade de encontrar uma saída evidenciavam a divisão na frágil classe dominante. Ainda que a maioria dos portugueses não tivessem claras ideias políticas revolucionárias, o desenvolvimento das lutas vai trazendo consigo a consciência da realidade.

O marido da madrinha de Silvestre pertence a essa frágil classe dominante, apegado a seus confortos e a tentar ignorar esta nova realidade que se aproxima. Enquanto seu mundo desmorona, o marido ouve ópera como se isso fosse o seu símbolo de resistência para não esquecer seu lugar, para sentir-se seguro.

5. Racismo

O racismo, apesar de negado e de se encontrar proibido por lei, ainda existia em países, principalmente naqueles que têm a escravidão como parte constituinte de sua História. A lei que antes afirmava que negros eram mercadoria e propriedade dos brancos, passou a afirmar que a escravidão estava extinta e todos os seres humanos se tornavam iguais nos seus direitos e deveres e que a cor da pele não só não mais os diferenciava, mas não devia ser mais referida nem notada. Todavia, as atitudes racistas fazem parte da História da Humanidade e desde sempre que as classes detentoras de poder têm usado os negros e outros grupos étnicos como mão-de-obra barata, ainda que teoricamente estes procedimentos sejam tidos como ilegítimos. Assim acontecia

também em Portugal, pelo que, nas décadas anteriores à época da Revolução dos cravos, uma parte da sociedade portuguesa se apresentava preconceituosa, visto que era uma sociedade onde uma elite sócioeconómica e política escravizava as outras classes, uma sociedade que acreditava que os negros eram inferiores aos brancos. A origem desse comportamento se encontrava na ideologia dessa elite, que teve o racismo institucionalizado durante muitos anos. Nesse sentido, acreditar que todos somos seres humanos em situação de igualdade, de uma hora para outra, se tornava mais difícil do que ignorar a existência da raça negra, como acontecia em muitos países:

(...) Hollywood conquistou-o, com sua imagem ainda completamente branca da América, com todos os seus negros invisíveis, com loiras platinadas, com brancos que se pintavam de negro e desenhavam grandes bocas na face quando queriam cantar música negra. (Connel & Messerschmidt, 2013: 30).

A presença dos negros era ignorada, sendo menos complicado ignorar uma presença do que tomar uma posição a respeito; eles, intencionalmente, se tornavam invisíveis. Silvestre, como nunca ouvia histórias sobre negros, imaginava-os pertencendo a uma raça em extinção. Essa invisibilidade, esse racismo *silenciado* e negado por todos, era uma cômoda alternativa para a classe dominante.

Dessa forma, o efeito motivado pela escravidão que, por muito tempo puniu os negros, deixou resquícios que ainda hoje podem ser encontrados. O racismo está representado em *As vésperas esquecidas*, através do personagem Silvestre:

[...] ambos negros descendentes de escravos, nascidos em casa de brancos, habituados à domesticidade. (Barreno, 1999: 26).

A miscigenação, apesar de usual, continua a ser renegada. O batizado do menino negro é narrado com muita ironia, com a repetição enfática do adjetivo *branco*:

Contava a todos o seu nascimento branco – assim nascem os bebês pretos, dizia, brancos como um branco, apenas com uma mancha nas costas que alastra depois. Contava como o amara logo naquele minuto branco, como o acolhera nos braços e continuara a amá-lo mesmo depois de o véu da negritude lhe ter caído sobre o corpo. (Barreno, 1999: 27-28).

Quando nasce o menino mulato a madrinha se apega. Faz questão de frisar que o amava mesmo que se tornasse negro. *Mesmo* adquire uma conotação condescendente. A madrinha é reconhecidamente racista:

(...) nunca exprimia pensamentos do gênero: no fundo somos todos iguais, somos todos filhos de Deus. Não teria palavras para isso, ela acreditava profunda e religiosamente nas desigualdades. (Barreno, 1999: 28).

A madrinha ainda que racista e simpatizante das desigualdades sociais batiza o menino mulato por quem se encanta, a ponto de quase esquecer suas crenças enraizadas sobre a importância da cor da pele. O marido, que era um monarquista empedernido, se recusava a compartilhar o amor da esposa pelo menino. Faz vista grossa às atividades da mulher, mas recusou-se a batizá-lo:

O marido da madrinha, um coronel comedido e polido, muito apreciador de ópera, recusou-se a ser padrinho. (Barreno, 1999: 27).

Silvestre precisa da proteção da madrinha para ter alguma chance de se afirmar como um ser humano até que a ideia do racismo possa ser modificada, passe por uma mudança de consciência e se estabeleça na sociedade como um todo. A madrinha tenta arduamente ajudar o afilhado, lutando contra o marido, enfrentando uma sociedade hipócrita, tentando, inclusive, colocá-lo no exército, nada conseguindo, porém, *exceto cobrir-se de ridículo*. (Barreno, 1999).

O racismo era uma das formas de justificar o domínio de determinados povos sobre outros, como em períodos de escravidão ou de colonialismo. O marido da madrinha de Silvestre, vindo de épocas onde o colonialismo ainda imperava e a escravidão não se achava ainda esquecida no tempo, incorpora os padrões da sociedade a que pertencia, mostrando o seu apego às convenções e à sua classe social:

O coronel, cada vez mais comedido e polido, guardava silêncio sobre tudo isso, em casa também. Deixou de falar à mulher, saía de manhã, à tarde e ao serão, apesar de já reformado, e a única ordem estridente que deu em casa foi a da proibição da entrada de Silvestre. (Barreno, 1999: 34-35).

Por outras palavras, o coronel faz vista grossa às atividades da mulher em torno de seu *capricho*. Silencia para não ter que tomar uma decisão, mas deixa clara sua

oposição àquele excesso de amores. Ele se mantinha como que alheio ao problema que acontecia em sua casa, mas seguia de perto o que sua mulher fazia:

O coronel via todos aqueles sucessos com crescente apreensão; comprou uma grafonola e passava boa parte do tempo, quando estava em casa, a ouvir as suas árias de óperas favoritas. (Barreno, 1999: 28).

A hostilidade que sentia em relação ao afilhado da mulher e sua posição depreciativa eram contidas, escondidas. Aparentemente não existia racismo ou preconceito:

(...) o coronel descobriu, redobrou sua hostilidade comedida e polida, comprou mais discos de ópera. (Barreno, 1999: 31).

6. Conclusão:

A madrinha, ainda que *monárquica, muito católica e conservadora* (Barreno, 1999), sente uma certa liberdade quando o marido morre, porque só então se sente livre daquela espécie de ditadura que restringe suas ações:

A madrinha viúva recuperou a liberdade para os seus amores, mas já estava demasiado velha para conseguir usá-la plenamente. (Barreno, 1999. 34-35).

Em *As vésperas esquecidas*, masculinidade hegemônica, racismo e ditadura acabam confundindo-se, na medida que essas estruturas sociais são cerceadoras das liberdades e alimentam diferenças entre os seres humanos. Segundo Connel, a masculinidade é um conceito em construção. Os homens o estão construindo conforme estão também em transformação e há novas identidades se formando:

Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero. (Connel & Messerschmidt, 2013: 245).

Ao ser possível que um homem pudesse ser mais humano, menos *preso por grilhetas* (Connel & Messerschmidt, 2013) no tratamento das mulheres e de outros homens, quaisquer que sejam sua raça, sexo ou gênero, as hierarquias seriam abolidas e

as ditaduras, guerras e revoluções nunca mais seriam necessárias, assim como qualquer sociedade democrática deve combater preconceitos, discriminações, desequilíbrios e desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *A formiga com o pé preso na neve*. Disponível em <<http://amateriadotempo.blogspot.com.br/2006/06/formiga-com-o-p-preso-na-neve.html>>.
- *A formiga e a neve*. Disponível em <<http://contosencantar.blogspot.com.br/2009/01/formiga-e-neve.html>>.
- *A Revolução em Portugal - A derrubada da Ditadura e O movimento dos trabalhadores*. Disponível em <<http://www.tedgrant.org/portugues/1975/revolucao-portugal.htm>>. Acesso em 05.12.2013.
- Bakhtin, Mikhail (2002). *Questões de Literatura e Estética: A teoria do Romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec.
- Barreno, Maria Isabel (1999). *As vésperas esquecidas*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Connel, Robert W. & James W. Messerschmidt (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013. Florianópolis. Publicado pela primeira vez na Revista *Gender & Society*, 19(6): 829-859, Dec. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>>.
- Descolonização de África. In: *Infopédia*. [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$descolonizacao-de-africa](http://www.infopedia.pt/$descolonizacao-de-africa)>. Acesso em 07.12.2013.
- *Emídio Santana*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Em%C3%ADdio_Santana>. Acesso em 10.12.2013.
- *Ensaios de gêneros*. Disponível em <<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/28/masculinidades-multiplas-e-hierarquizadas/>>. Acesso em 02.12.2013.
- Kristeva, Júlia (1984). *O texto do romance*. Lisboa: Livros Horizonte. *História económica de Portugal*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_econ%C3%B3mica_de_Portugal#Decl.C3.ADnio:_do_S.C3.A9culo_XVII_ao_XIX>. Acesso em 06.12.2013.
- *O racismo impregnado no pensamento da sociedade*. Disponível em: <http://www.observatoriadaimprensa.com.br/news/view/o_racismo_impregnado_no_pensamento_da_sociedade>. Acesso em 06.12.2013.
- *O salazarismo na lógica do capitalismo em Portugal*. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223460460V9gIL7jn5Qg03LJ5.pdf>>. Acesso em 05.12.2013.
- *Racismo*. Disponível em <http://racismo-no-brasil.info/mos/view/Discrimina%C3%A7%C3%A3o_racial/>. Acesso em 07.12.2013.
- Samoyault, Tiphaine (2008). *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo e Rothschild.
- Santana, Emídio (1983). *Memórias de um militante anarco-sindicalista : tempos de luta de adversidade e de esperança*. Lisboa: Perspectivas e Realidades.

Recebido: 13 de dezembro de 2013.

Aceite: 11 de março de 2014.

Anexo 1

A formiga e a neve

Uma formiga prendeu o pé na neve.

“Ó neve, tu és tão forte que o meu pé prendes!”

Responde a neve: “Tão forte sou eu que o sol me derrete.”

“Ó Sol, tu és tão forte que derretes a neve que o meu pé prende!”

Responde o Sol: “Tão forte sou eu que a parede me impede.”

“Ó parede, tu és tão forte que impedes o Sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!”

Responde a parede: “Tão forte sou eu que o rato me fura.”

“Ó rato, tu és tão forte que furas a parede que impede o Sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!”

Responde o rato: “Tão forte sou eu que o gato me come.”

“Ó gato, tu és tão forte que comes o rato que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde o gato: “Tão forte sou eu que o cão me morde.”

“Ó cão, tu és tão forte que mordes o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde o cão: “Tão forte sou eu que o pau me bate.”

“Ó pau, tu és tão forte que bates no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde o pau: “Tão forte sou eu que o lume me queima.”

“Ó lume, tu és tão forte que queimas o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde o lume: “Tão forte sou eu que a água me apaga.”

“Ó água, tu és tão forte que apagas o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde a água: “Tão forte sou eu que o boi me bebe.”

“Ó boi, tu és tão forte que bebes a água, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde o boi: “Tão forte sou eu que o carniceiro me mata.”

“Ó carniceiro, tu és tão forte que matas o boi, que bebe a água, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!”

Responde o carniceiro: “Tão forte sou eu que a morte me leva.”

Adolfo Coelho